



A obra literária de Alexandre Herculano: conjunção entre indivíduo e nação
The literary work of Alexandre Herculano: conjunction between individual and nation

Carla Carvalho Alves¹
(Universidade de São Paulo / FAPESP)

Resumo: As análises críticas da obra literária de Alexandre Herculano apresentam-se, ainda hoje, inconsistentes e lacunares. Dois fatores, principalmente, concorreram para tal situação: a grande expressão pública do autor e a concentração da crítica e do público leitor em torno de *Eurico, o presbítero*. A apreciação literária referente ao restante da obra ficcional parece um tanto contaminada, ou mesmo limitada, por esses fatos, tendo como consequência a incompreensão e omissão de elementos literários incompatíveis com determinadas expectativas já cristalizadas. Pretendemos, então, estabelecer algumas reflexões relativas à obra ficcional de Herculano, buscando revisar a linhagem crítica estabelecida e retratar aspectos até agora negligenciados. Para isso, abordaremos criticamente uma questão comumente destacada em análises referentes à obra herculaniana: a exemplaridade do passado medieval para um presente em decadência, constituída pelo modelo heroico atribuído à conjunção entre o indivíduo e a nação.

Palavras-chave: Alexandre Herculano; Romantismo; revisão crítica.

Abstract: The critical analysis of the literary work of Alexandre Herculano are still today inconsistent and lacunar. Two factors mainly contributed to such situation: the great public representation of the author and the concentration of the critics and the reading public around *Eurico, o presbítero*. The literary assessment related to the rest of his fictional work seems somewhat contaminated, or even limited by these facts, resulting in the misunderstanding and omission of literary elements, incompatible with certain expectations already crystallized. We intend then to establish some reflections on the Herculano fictional work, seeking to revise the established critical line and show aspects hitherto neglected. For this, we will critically discuss one issue commonly highlighted in the analysis related to Herculano work: the example of the medieval past to a decadent present time, consisting of the heroic model assigned to the conjunction between the individual and the nation.

Keywords: Alexandre Herculano; Romanticism; critical review.

¹ Pesquisa de pós-doutorado sobre a ficção de Alexandre Herculano concluída em 2016, realizada na Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP. Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo, USP (2010). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG (2001) e mestrado em Letras - Teoria da Literatura, também pela UFMG (2005). Tem experiência docente e editorial na área de Literatura, com ênfase em Literatura Portuguesa. Vem publicando artigos em revistas da área, além de capítulos de livros, referentes à Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX. E-mail: carla.carvalhoalves@gmail.com.

Alexandre Herculano, considerado, juntamente com Almeida Garrett, iniciador e expoente do Romantismo em Portugal, tem, não apenas, sua obra amplamente referenciada nos estudos literários relativos ao século XIX, como também sua atuação pública e suas concepções ideológicas e políticas, analisadas como fatores determinantes para a configuração cultural e histórica dessa época. Pode-se acompanhar, por exemplo, na seguinte colocação de Eduardo Lourenço, o destaque dado à influência de Herculano no Romantismo português:

[...] graças aos criadores do nosso Romantismo, Almeida Garrett e Alexandre Herculano, essa época sem precedentes na nossa história e por via de consequência, na nossa cultura foi pensada e admiravelmente pensada, de acordo com as necessidades e urgências profundas do país, como nunca mais o será. À sua maneira, poeticamente um, ideológica e filosoficamente outro, Almeida Garrett e Alexandre Herculano refundaram Portugal, reenquadrando, repensando e remitificando o nosso imaginário cultural. (LOURENÇO, 1999, p.104)

Como se vê, Lourenço encontra em Herculano e Garrett os avatares de uma reformulação cultural portuguesa, iniciada no Romantismo. Nota-se, ainda, que o grande destaque dado a Herculano refere-se mais a sua contribuição ideológica e filosófica do que, propriamente, à literária. Muitos outros críticos, de forma ainda mais incisiva que Lourenço, adotam, também, a expressiva figura pública de Alexandre Herculano – apreendida tanto em suas ações, como, principalmente, em seus textos de cunho político-ideológico, publicados em jornais e revistas –, como principal parâmetro para a compreensão e análise da participação do autor no Romantismo português.

Ocorre, então, que apesar de toda a visibilidade de que goza Alexandre Herculano, a crítica literária em torno de seu trabalho parece um tanto contaminada, ou mesmo limitada, por aspectos extrínsecos a sua obra, tendo como consequência a omissão de elementos literários, incompatíveis com determinadas expectativas ideológicas que se tem do autor. Assim, a caracterização sisuda, moralista e modelar que perpassa a apreciação de Herculano, como homem público, reflete-se diretamente na recepção de seus textos literários.

No seguinte excerto, em que Margarida Cardoso faz ressonância às palavras de José-Augusto França, fica evidente essa confluência estabelecida entre o autor e sua obra:

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Como diz José-Augusto França, ‘a antinomia salta aos olhos’ quando a par da graça e da ironia de Garrett colocamos o vulto severo [de Herculano] e o pessimismo, ora sarcástico, ora liricamente sombrio, deste ‘homem consciência’, erigido num quase ‘herói mítico do liberalismo português’. (CARDOSO, 2003, p.141)

Mas, além da incontornável dimensão pública do “homem consciência” do Romantismo português, outro fator decisivo na apreciação da obra literária de Herculano pode ser verificado na recepção de *Eurico, o presbítero*. Alguns extratos da obra foram já publicados em 1843, na revista *O Panorama* e também na *Revista Universal Lisbonense*, e, em 1844, foi editada em volume.

O alcance de público e o reconhecimento de *Eurico* poderiam ser atestados pelas inúmeras reedições da obra e pela influência declarada que exerceu em autores posteriores. Além de ser, sem dúvida, o texto literário mais conhecido de Alexandre Herculano, diz-se que sua popularidade encontra parâmetro equivalente, na Literatura Portuguesa, apenas na obra épica de Luís de Camões: “[...] obra mais célebre de Herculano, tendo obtido cerca de 50 edições, caso único juntamente com *Os Lusíadas* de Camões” (BEIRANTE; CUSTÓDIO, 1977, p.6).

Vitorino Nemésio traduz, de forma precisa, na seguinte frase, a inexorável influência que tal obra de Herculano exerceu sobre os intelectuais de sua época: “Formara-se, digamos assim, o ‘complexo de Eurico’, uma espécie de andaço da alma” (NEMÉSIO, 1979, p.LII). O que poderia ser complementado com as palavras de Júlio César Machado, retomadas a seguir por Margarida Cardoso: “disse Júlio César Machado, na década ultra-romântica de 60, que *Eurico* não teve ‘admiradores’, mas ‘fanáticos’” (CARDOSO, 2003, p.178).

Poucos anos após essa primeira leva de admiradores fanáticos, entretanto, quando a chamada Geração de 70 apresenta uma perspectiva diversa sobre a literatura, ocorre uma inversão de tal receptividade, obsessiva e laudatória, prevalecendo uma sensação de incômodo pelo caráter “débil, sentimental e enfático” (NEMÉSIO, 1979, p.LIV) da obra. E, conforme esclarece Vitorino Nemésio, acontece um descompasso entre a apreciação da figura pública de Herculano, principalmente por Eça de Queirós, Antero de Quental e Oliveira Martins, e “o silêncio elegante e irônico” (NEMÉSIO, 1979, p. LV) que Eça, entre outros, guardava sobre *Eurico*.

A *História da Literatura Portuguesa* de Teófilo Braga, publicada pela primeira vez em 1870, cronologicamente próxima, portanto, do Romantismo, apresenta, ainda mais

radicalmente, a relação entre esse “herói mítico do liberalismo português” e sua produção literária. Braga dedica uma extensa parte de sua *História* a Alexandre Herculano, abarcando sua produção literária, histórica, jornalística, e dando, também, grande destaque à sua atuação pública. Embora seja uma importante referência para o estudo do Romantismo português, a obra de Teófilo Braga, entretanto, retrata Herculano de forma bastante tendenciosa. Apontando o escritor como o grande símbolo intelectual português de todos os tempos e ressaltando a absoluta confiança nele investida por toda uma geração, Braga declara sua frustração pelo não cumprimento das inúmeras expectativas que lhe teriam sido depositadas, como se pode observar no seguinte trecho:

Em que serviu Herculano a sociedade portuguesa, que tanto precisava de impulso para se reorganizar desde que entrou no regime do parlamentarismo? Revocou-a ao seu passado, falou-lhes dos frades, falou-lhes das resistências heróicas contra os mouros da fronteira, falou-lhe do cavalheirismo dos capitães da África, enfim, inspirou-lhe o patriotismo negativo, que arredava o espírito público da corrente de idéias modernas. Em vez de proclamar a necessidade do conhecimento da renovação filosófica que se operava na Europa em 1832, esterilizou-nos na contemplação de um cristianismo pessoal, meio poético, meio heterodoxo [...]. Chegou a ter o máximo de *poder espiritual* sobre a nação portuguesa, mas não soube usá-lo para dirigir uma época. (BRAGA, s./d., p.288)

Esse tom de desencanto e contrariedade prevalece em quase todo o texto de Teófilo Braga, tornando sua crítica à obra de Herculano contaminada pela decepção em relação ao homem público. Causa estranhamento, também, o fato de Braga, em uma obra que se destina ao estudo da história da literatura portuguesa, debruçar-se com tanta acuidade sobre os textos históricos de Alexandre Herculano e apresentar em uma perspectiva tão apressada sua produção literária.

O privilégio dos elementos históricos da obra de Herculano, possivelmente, deveu-se ao fato de esse material prestar-se mais facilmente às críticas progressistas de Teófilo Braga. Ou seja, o passado medieval, retratado por Alexandre Herculano em sua *História de Portugal* – mas, também, em diversos textos literários – constituía-se, exatamente, daqueles elementos apontados por Braga como detonadores de um “patriotismo negativo”.

Pelo menos uma dessas críticas, apontadas pelo autor em relação à historiografia de Herculano, foi refutada por Hernâni Cidade, que chama a atenção para o fato de que o crítico, ao censurar o curto período histórico retratado por Herculano – até Afonso III –, tenha sustentado suas denúncias em fontes questionáveis, pois Hammer e Dozy, assim como

Thierry, apontados por Braga como fontes seguras para Herculano, publicaram suas obras após a edição do I volume da *História de Portugal* (CIDADE, 1947, p. 112).

Mas, para além das discordâncias, entre o positivismo de Teófilo Braga e a historiografia e literatura romântica de temática medieval de Herculano, que, certamente, levaram a uma análise viciada da obra do escritor, uma questão ainda mais grave nos chamou a atenção: a absoluta ausência de qualquer referência a *O Bobo* na *História da Literatura Portuguesa* de Braga. Se, como dissemos, os textos literários de Herculano parecem ser menos retratados que sua *História*, vários poemas e, principalmente, os romances, ou novelas, de cunho histórico, ganham alguma visibilidade, na medida em que abordam temas e ideologias confrontados por Teófilo Braga. E, com menor destaque, ou simplesmente em breves menções, todo o restante da obra literária do autor, excetuando-se *O Bobo*, é referido na *História da Literatura* de Braga.

A estranheza do fato, entretanto, conjuga-se com diversos outros casos de omissões em relação a essa obra de Alexandre Herculano. Como vimos, a recepção das obras literárias do autor encontra-se muitas vezes reduzida às expectativas públicas que se tem desse “homem-consciência”. Mas, o que nos parece o caso mais evidente da análise tendenciosa e lacunar prestada à obra literária herculaniana pode ser verificado nas escassas e incompletas apreciações de *O Bobo*. Publicada primeiramente nas páginas de *O Panorama*, em 1843, essa obra contou, durante a vida do escritor, apenas com uma edição brasileira em volume, não autorizada, de 1866.

Esse fato, talvez, possa explicar parcialmente a ausência de referências a *O Bobo* por Teófilo Braga. Mas, ainda assim, sabendo-se da repercussão positiva causada pela obra, na época de sua publicação em periódico, contando, posteriormente, até mesmo com uma contrafação brasileira, essa ausência causa, de fato, alguma perplexidade.

Somente em 1878 foi, então, publicada uma edição póstuma, que estaria sendo revisada por Herculano no final de sua vida. Considerando-se a imediata aceitação pública que teve *O Bobo* e, ainda, que outras obras do autor, também publicadas na revista *O Panorama*, foram rapidamente editadas em volume, é bastante intrigante a aparente negligência editorial e crítica em relação à obra. No texto, “Alexandre Herculano: malhas da história, armadilhas da ficção”, Paulo Motta Oliveira (OLIVEIRA, 2000) chama a atenção para esse estranho fato e, também, para a ausência de referências à inusitada trajetória

editorial de *O Bobo*, tanto nos dicionários literários, como em histórias da literatura. A inexistente problematização sobre a questão editorial já parece sugerir um descaso referente à própria obra.

Mas, se, de maneira geral, o conjunto da obra de Herculano teve um considerável acolhimento pela crítica, a deficiente recepção de *O Bobo*, talvez, possa ser entendida pelas dissensões entre essa obra e alguns parâmetros designados para descrever a produção literária, histórica e jornalística do autor. Como foi visto anteriormente, a análise literária de suas obras não puderam se furtar à forte personalidade pública desse “homem legendário” (BRAGA, s./d., p.162), que, conforme ressalta abaixo Eduardo Lourenço, conquistou uma dimensão histórica, atuando diretamente na reformulação da nacionalidade portuguesa:

Almeida Garrett e Alexandre Herculano foram dois admiráveis indivíduos. Tão indivíduos que cada um deles traçou do novo Portugal a sua imagem. Embora não se contradizendo, essas imagens reestruturaram, pela primeira vez, o imaginário português, fora do cânone – ou cânones – do nosso ideário nacional [...]. (LOURENÇO, 1999, p.107)

Algumas questões apresentadas em *O Bobo* parecem-nos, mesmo, incompatíveis com a dimensão mítica atribuída a Alexandre Herculano e com todo o peso ideológico, político e exemplar, comumente confiado ao conjunto de sua obra. Distinguimos como ponto de maior atrito, entre as expectativas mais tradicionais relativas a Herculano, e a narrativa de *O Bobo*, a irreverência e ironia determinantes de um descompromisso ante a heroicidade histórica revelado ao longo do texto. Reforçando o impacto do descomprometimento moralizante ou didático, apresentado em diversos aspectos da narrativa, a obra retrata justamente um momento crucial da história de Portugal, como destaca abaixo Paulo Motta Oliveira, comparando-a com outros textos do autor:

Mas, em *O Bobo*, temos uma diferença importante, que provocará alguns desdobramentos significativos: não estamos diante de uma região periférica, mas no próprio epicentro de uma crise que terá, como consequência, a batalha de S. Mamede e a futura criação de Portugal enquanto reino independente. E será justamente a gestação do reino de Portugal um dos temas centrais deste romance [...]. (OLIVEIRA, 2000, p.142)

Esse importante recorte histórico abarcado em *O Bobo*, no qual se situa a origem da nação portuguesa, será conjugado com uma trama ficcional composta por personagens complexas e ambíguas, que ultrapassam limitações didáticas e maniqueístas.

Considerando-se uma polaridade inicial, estabelecida entre o Conde de Trava e D. Teresa, por um lado, e Afonso Henriques, por outro, na qual se poderia antever uma dicotomia entre os interesses asturo-leoneses e aqueles, especificamente, portugueses, torna-se impossível, entretanto, determinar uma identificação absoluta entre a causa portuguesa e um padrão heroico de comportamento. Da mesma forma, o partido de D. Teresa não pode, também, alinhar-se, de forma muito simplista, apenas com as ações indignas. Apreende-se, de fato, uma sutileza de nuances e contradições que envolvem os personagens, promovendo um grau de complicação inesperado para a trama narrativa.

Atentamos, ainda, para um ponto fundamental do caráter irreverente dessa obra de Herculano: a destituição de uma fundamentação heroica da nacionalidade portuguesa, depositando-se na criação ficcional de um bobo da corte, D. Bibas, a responsabilidade pela origem da nação. Se analisarmos a bizarra caracterização de D. Bibas, “leve como a própria cabeça, livre como a própria língua” (HERCULANO, 1997, p.26), fica ainda mais evidente a predominância do tom sarcástico da obra em detrimento das poucas considerações reverentes ao fato histórico retratado.

Pode-se até mesmo depreender-se da narrativa de *O Bobo* que, através da vingança do truão, a independência de Portugal teria se dado por influência de Belzebu, conforme sugere o seguinte trecho: “Mas como vingar-se? Ignorava-o. Juraria, contudo, que Belzebu lhe dizia ao ouvido: ‘Pensa bem; que hás de atinar com o caminho que buscas’. Quem deixou de achar meios neste mundo para satisfazer paixões más?” (HERCULANO, 1997, p.102).

Outro aspecto de *O Bobo* que corrobora o descomprometimento dessa obra ante quaisquer valores exemplares e heroicos, diz respeito ao descaso e ironia em relação à verdade histórica. Não apenas um personagem cômico, o bufão, constitui-se como grande responsável pela origem da nação portuguesa, conforme destacado acima, mas, ainda, a história de Portugal, ou a história em si, é apresentada como estrutura lacunar, passível de preenchimentos fictícios, completamente arbitrários em relação aos fatos reais.

Paulo Motta Oliveira destaca a importância e as implicações dessa questão para Alexandre Herculano, em sua função de autor da *História de Portugal*, obra que teria seu primeiro volume editado três anos após a publicação de *O Bobo*:

Se a história é apenas uma recuperação parcial, se essa recuperação pode trazer uma face falsa do passado, podemos entender o quanto esse romance poderia ser perturbador. Afinal, Portugal poderia ter surgido não por grandes feitos, mas graças à vingança de um reles bobo. (OLIVEIRA, 2000, p.149)

Assim, a ausência de uma motivação didática e de um modelo heroico que sustentasse a origem portuguesa, como a ambiguidade e sutileza com que foram retratados os personagens reais e fictícios, e o questionamento relativo à própria veracidade da história perfazem uma grande cisão entre *O Bobo* e os aparatos críticos que descrevem, de maneira geral, a obra de Alexandre Herculano. Entendemos essas circunstâncias como determinantes das diversas formas de omissões a que tem sido submetida essa obra, desde o seu obscuro trajeto editorial.

Chegamos, desse modo, à seguinte questão: seria, de fato, *O Bobo* tão díspar em relação ao restante das produções literárias de Herculano, ou, de alguma forma, as outras obras do autor, por se prestarem mais facilmente às expectativas já estabelecidas pela crítica, teriam sido compreendidas de forma parcial, ficando ignorados os aspectos complicadores e disformes em relação a uma determinada padronização?

Conforme apresentado acima, enquanto *Eurico* teve uma atenção excessiva tanto da crítica quanto do público leitor, a trajetória de *O Bobo* apresenta diversas deficiências editoriais e críticas. E, ainda que a Geração de 70 tenha tido uma relação pouco laudatória com a já consagrada história do presbítero, o fato é que essa obra continuou servindo como paradigma para se pensar a literatura de Alexandre Herculano.

Mas, de forma reverente e elogiosa ou seguindo as restrições aos excessos românticos, as análises críticas estabelecidas em torno de *Eurico*, ao longo do tempo, parecem concordar, pelo menos, em um ponto: a identificação de um modelo heroico, encontrado no contexto histórico abordado e também na figura do protagonista, que funcionaria como paradigma a ser seguido pelo presente em decadência. E é exatamente essa perspectiva tipicamente romântica que parece ter contaminado a apreciação do restante da obra ficcional do autor.

Tal ponto de vista, de fato, representa um modelo generalizante da estética do Romantismo. Assim, *Eurico* pertenceria ao protótipo romântico de junção entre indivíduo e nação, conforme assinala abaixo, Ofélia Paiva Monteiro, sobre o período:

Com nova acuidade se atenta, com efeito, na inter-relação indivíduo/meio, que pressupõe a de indivíduo/nação, e, tanto no plano individual como no plano nacional, luta-se pela conquista da identidade, entendendo-se que o indivíduo só a atingirá no contexto da sua nação e que esta só a alcançará, por sua vez, com indivíduos a quem der condições de realização pessoal [...]. (MONTEIRO, 2003, p.21)

De fato, os críticos, não raro, destacam a correspondência entre o herói e a nação na obra herculaniana. Um exemplo disso pode ser constatado nas seguintes palavras Helena Carvalhão Buescu:

[...] o entendimento da Nação enquanto ser dinâmico, dotado de uma energia vital e transformadora, capaz de se assumir e afirmar. Não é difícil, aliás, ligar de modo evidente todas essas características, criando uma narrativa cuja ação apresente um herói que simbolicamente constitua a representação de um ideal de grupo e que, ao mesmo tempo, reivindique para si a defesa intransigente dos princípios da liberdade. É este o princípio norteador da narrativa histórica que Alexandre Herculano, inspirado nos modelos de Dumas mas sobretudo Walter Scott, vai modelando nos vários contos e nos vários romances que publica. (BUESCU, 2005, p. 151-152)

João Gaspar Simões, na mesma linha de abordagem, faz a seguinte observação sobre a função didática do romance histórico herculaniano, cuja exemplaridade serviria como parâmetro positivo para a atualidade considerada decadente:

Ora, se o passado era a única coisa que restava a um povo decadente como o português, qual a melhor maneira de o consolar de sua decadência ou de concorrer para reanimá-lo? Cultivar a verdade histórica. [...] Mas não bastava. A história pura não conseguia reanimar os que viviam em apagada tristeza. Havia um recurso mais eficaz. Qual? A Arte. [...] E aí surge o romance histórico como solução prática deste problema patriótico. (SIMÕES, 1969, p.31)

Ana Cristina Correia Gil, como outros autores, destaca, também, a função didática e pedagógica de *O Monge de Cister*, no qual se buscava “dignificar e celebrar as origens da nação portuguesa e, a par desta exaltação do passado, apontar os erros do presente.” (GIL, 1999, p.78). E, sobre a relação entre passado e presente para Herculano, Gil declara ainda o seguinte: “O romance histórico e a arte em geral estão, em Herculano, ao serviço da pedagogia da nação, pondo a nu a apatia e a decadência do tempo presente por comparação com o vigor e a glória passados.” (GIL, 1999, p.78).

Destacamos apenas algumas perspectivas críticas contemporâneas para exemplificar a prevalência do já referido paradigma crítico na atualidade. Tal ponto de vista poderia ainda

ser verificado em textos de Vitorino Nemésio, António José Barreiros, Álvaro Manuel Machado, Hernâni Cidade, José-Augusto França, Margarida Cardoso, Ofélia Paiva Monteiro.

Considerando-se as narrativas de *O Bobo*, *Eurico*, *o presbítero* e *O Monge de Cister*, é possível identificar, realmente, uma correspondência entre o indivíduo, no caso o protagonista, e a nação ou, de forma mais abrangente, o contexto histórico nacional referido. Entretanto, uma questão anterior diz respeito ao caráter exemplar e heroico do indivíduo e da nação representados nessas ficções históricas de Herculano. Como foi visto, em *O Bobo*, particularmente, ocorre uma inversão da sacralidade atribuída à fundação nacional. Também na figura central, assumida pelo truão D. Bibas, de caráter impreciso, cujas ações são guiadas apenas por uma vingança pessoal, pode-se apreender uma contradição ante a imagem corajosa e heroica esperada para o protagonista. E, observando o descomprometimento histórico, traduzido em tom irreverente e sarcástico, na narrativa de *O Bobo*, fica patente a falibilidade do que provavelmente seja o paradigma crítico, extraído do Romantismo, mais utilizado para descrever a ficção histórica de Herculano: a exemplaridade do passado medieval para um presente em decadência, constituída pelo modelo heroico atribuído à conjunção entre o indivíduo e a nação.

Recolocando a questão, seria realmente *O Bobo* tão diverso do restante da obra de Herculano? Em, *O Monge de Cister*, por exemplo, haveria, verdadeiramente, uma figuração heroica do protagonista e da nação, que poderiam constituir um modelo didático para o presente?

Há, pelo menos, alguns indícios de que a heroicidade, apontada na parêntese protagonista/nação (no caso, Fr. Vasco e o quadro social português da época de D. João I) não poderia ser plenamente sustentada. O monge cisterciense, além de caracterizado inicialmente pela valentia e pelas ações honrosas em relação à pátria, ao seu pai e irmã, apresenta, também, um lado bastante soturno resultante das terríveis perdas e decepções sofridas. E, a partir de determinado momento da narrativa, quando sua irmã, Beatriz, morre e D. João d'Ornelas convence Fr. Vasco a perpetrar sua vingança, o monge cisterciense parece, realmente, ultrapassar o limite do que seria nobre e aceitável, e passa a atuar de forma claramente vil e infame.

Avaliando, também, o contexto nacional retratado, nota-se que, apesar das breves referências à Batalha de Aljubarrota, a narrativa não tem como foco nenhum grande evento

histórico, nada que ocupe o papel que, em *Eurico*, possui a disputa territorial com os árabes. A proposta declarada, inclusive por Herculano, é, realmente, a descrição do quadro social português da época de D. João I.

Percebe-se, entretanto, ao longo da narrativa, uma caracterização negativa tanto do clero, quanto da nobreza, da burguesia e também do povo. Parece, realmente, haver uma correspondência entre o protagonista, Fr. Vasco, e a sociedade aí retratada, mas a analogia, no caso, seria constituída pelo sentido da falibilidade individual e da atmosfera de decadência social sugeridos na narrativa.

Finalmente, é importante acrescentar, ainda, que a perspectiva relativa ao sentido de falibilidade e decadência na análise da ficção histórica de Alexandre Herculano encontra subsídios até mesmo em autores que seguem a proposta crítica relacionada à exemplaridade histórica. Ou seja, alguns poucos críticos chegam a sinalizar a falência do contexto histórico retratado, como espelhamento da decadência presente, mas essas sugestões não são, de fato, sistematizadas, prevalecendo a generalização acerca do sentido heroico e exemplar expresso pela narrativa. Tal perspectiva pode ser encontrada, por exemplo, na apreciação de Bernardette Capelo Pereira (1997) sobre *O Monge de Cister* até mesmo em uma introdução a *Eurico*, o *presbítero* escrita por Vitorino Nemésio.

Capelo Pereira, embora releve a função pedagógica do passado para o presente, afirma também que a “Idade Média constitui para Herculano um *analogon* da época sua contemporânea” (PEREIRA, 1997, p. 227). E Nemésio, em um breve comentário, descontínuo em relação ao restante de seu texto introdutório ao *Eurico*, faz a seguinte observação:

“O amor da pátria”, desperto na Espanha “despedaçada pelos bandos civis”, como que nos faz passar da atmosfera do século VIII à contemporaneidade imediata e próxima de Herculano, que sente na sua “voz de profeta” e na sua “harpa de crente” a alma do “último poeta godo”. Não haverá uns longes da morte de D. João VI na de Vitiza? Da aclamação de D. Miguel na “entronização violenta de Roderico”? A guerra civil nas “conspirações que ameaçavam rebentar por toda a parte e que a muito custo o novo monarca” (Roderico – D. Miguel) “ia afogando em sangue”? (NEMÉSIO, 1979, p. XXVII)

Inicialmente, Vitorino Nemésio evoca, na narrativa de *Eurico*, “o amor da pátria” como elemento de aproximação com a contemporaneidade de Herculano, mas os exemplos factuais referentes ao presente acabam por ressaltar apenas os conflitos e falhas desse

momento: “a guerra civil”, “a morte de D. João VI”, a “aclamação de D. Miguel”. E, um pouco além, Nemésio destaca em *Eurico* aquele mesmo modelo romântico já referido, tomando para isso um excerto da própria narrativa:

[...] restava a Herculano situar a crise afetiva e religiosa de *Eurico*, heróica no plano da pessoa, numa época heróica e poética também no puro plano da história. Para isso, procurou as “eras que nas recordações da Espanha tenho por análogas aos tempos heróicos da Grécia”. (NEMÉSIO, 1979, p. XXXIII)

Enfim, tanto Capelo Pereira como Nemésio, apesar de sugestões pontuais referentes ao espelhamento entre a falibilidade do passado, abordado na narrativa histórica de Herculano, e a contemporaneidade decadente do escritor, não prosseguem, de fato, essa perspectiva. Concluindo, assim, o nossotexto, reafirmamos a necessidade de revisão crítica da obra literária herculaniana. Os desacordos, aqui apresentados, entre o sentido de falência, presente em *O Bobo* e, em alguma medida também, em *O Monge de Cister*, e os padrões de heroicidade e exemplaridade, prevalentes na crítica atual, evidenciam a necessidade de novas abordagens analíticas, que levem em consideração o sentido de falibilidade e decadência na ficção histórica de Alexandre Herculano.

Referências

- BEIRANTE, Cândido; CUSTÓDIO, Jorge. **Alexandre Herculano**. Lisboa: Secretaria do Estado da Cultura, 1977.
- BRAGA, Teófilo. **História da Literatura Portuguesa: O Romantismo**. Vol. V. Lisboa: Publicações Europa-América, s./d.
- BUESCU, Helena Carvalhão. A obra literária de Alexandre Herculano. In: AFONSO, Graça; MATOS, Álvaro Costa. **Alexandre Herculano: um pensamento “poliédrico”**. Colóquio Comemorativo dos 120 anos de sua morte (1877-1997). Coleção: Actas & Colóquios da Hemeroteca, nº 3. Bibliotecas Municipais de Lisboa: Lisboa, 2005. p. 151-162.
- CARDOSO, Margarida. Alexandre Herculano. In: CASTRO, Francisco Lyon de (Ed.). **História da Literatura Portuguesa**. Lisboa: Publicações Alfa, 2003. p.141-185.
- CIDADE, Hernâni. Alexandre Herculano. In: SIMÕES, João Gaspar. **Perspectiva da Literatura Portuguesa do século XIX**. Lisboa: Edições Ática, 1947. p. 87-117.
- GIL, Ana Cristina Correia. O romance histórico na obra de Herculano: estratégias narrativas ao serviço de um programa pedagógico. In: COLÓQUIO ALEXANDRE HERCULANO: LIBERALISMO E ROMANTISMO. Santarém: Escola Superior de Educação de Santarém, 1999. p.77-85.

HERCULANO, Alexandre. **Eurico, o presbítero**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **O Bobo**. São Paulo: Ática, 1997.

_____. O Monge de Cister. In: HERCULANO, Alexandre. **Obras Completas de Alexandre Herculano**. Introdução e revisão de Vitorino Nemésio. Amadora: Livraria Bertrand, 1977.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da saudade**: seguido de Portugal como destino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MONTEIRO, Ofélia Paiva. Romantismo e Romantismos. In: CASTRO, Francisco Lyon (Ed.). **História da Literatura Portuguesa**. Lisboa: Publicações Alfa, 2003. p. 9-43.

NEMÉSIO, Vitorino. Eurico: história de um livro. In: HERCULANO, Alexandre. **Obras Completas de Alexandre Herculano**. Introdução e revisão de Vitorino Nemésio. Amadora: Livraria Bertrand, 1979. p. VII-LV.

OLIVEIRA, Paulo Motta. Alexandre Herculano: malhas da história, armadilhas da ficção. In: BOËCHAT, Maria Cecília Bruzzi; OLIVEIRA, Paulo Motta; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa (Org.). **Romance Histórico**: recorrências e transformações. FALE/UFMG: Belo Horizonte, 2000. p.129-149.

PEREIRA, Capelo B. In: DICIONÁRIO do Romantismo Literário Português. Coordenação de Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Caminho, 1997. p. 221-230.

SIMÕES, João Gaspar. **História do Romance Português**. Lisboa: Estúdios Cor, 1969.

Recebido em: 13/02/2017

Aprovado em: 20/04/2017